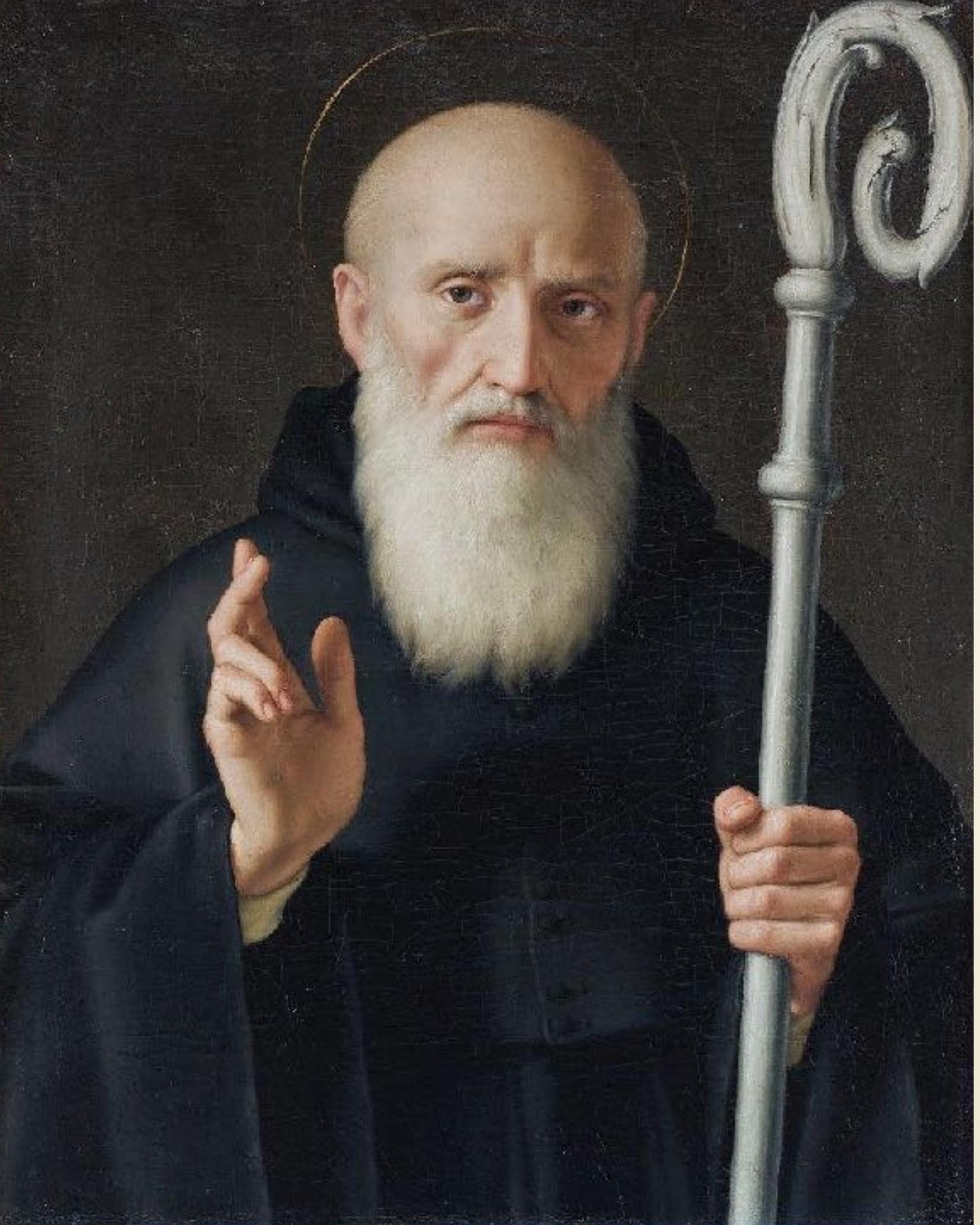


O MOSTEIRO

O LOCAL



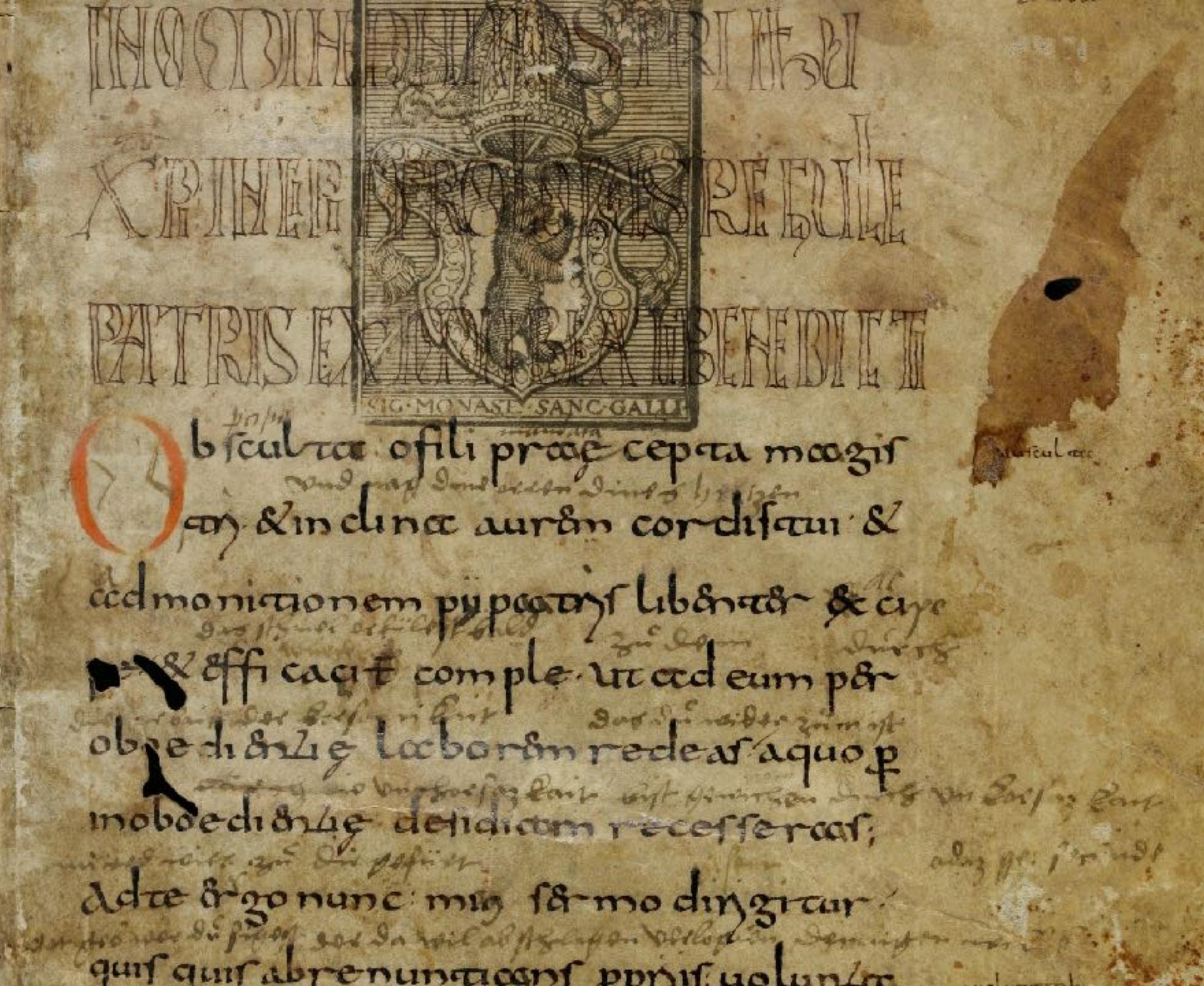
O **monaquismo** cristão, apareceu por finais do século V, por iniciativa dos bispos e está ligado ao desejo de isolamento, de evasão do mundo profano (*fuga mundi*), para uma entrega mais direta a Deus, através do **ascetismo**, isto é, da meditação e da contemplação.



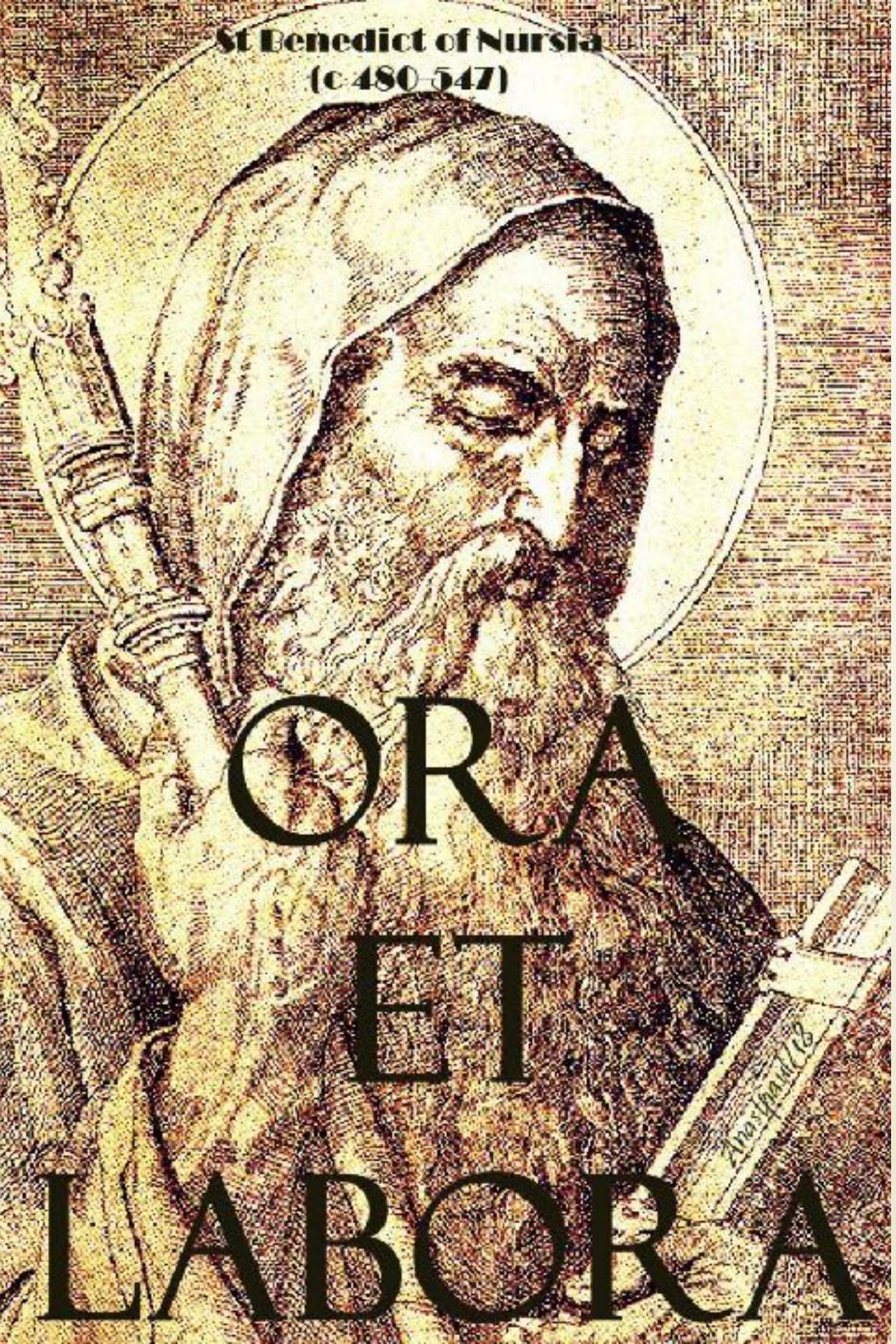
Surgiram as primeiras comunidades de monges e monjas, dispostos a seguir o modelo do mestre. A partir dos séculos VI e VII que surgiram os primeiros **legisladores** da vida religiosa comunitária como **São Bento** de Núrsia.

xxxii De septimenniis coquine
xxxiii De infirmis fratribus
xxxiv De semibus uel infeccibus
xxxv De ebdomac dærio lector
xxxvi De men surte cibis omnibus
xli De men surte potis;
xlii Qui bus horis opor t& reficere fr̄t
xliii Ut post cōpletorum nemoloquat
xliii De his q̄ ad opus dī uel cōdī sc̄tar de occurr̄
xliii De his q̄ excommunicant quomodo satis

Os Regulamentos - ou
Regra - que este escreveu
para os seus cenobitas
(monges) em 529. na Abadia
de Montecassino. serviu de
modelo para a organização
da vida religiosa comunitária
na maior parte dos mosteiros
medievais europeus, até ao
século XII.



A **Regra** de São Bento dominou o Ocidente até ao século XII servindo de **modelo** e **regulamento** a todas as comunidades religiosas do Ocidente.



St Benedict of Nursia
(c 480-547)

ORA
ET
LABORA

Na Regra, o mosteiro era **“uma escola ao serviço do Senhor”**, onde o abade era o pai e mestre dos irmãos (comparados aos anjos), e cuja comunidade tinha por princípios básicos os da **obediência, silêncio e humildade**, na ordem de Deus.



Obrigação dos monges:

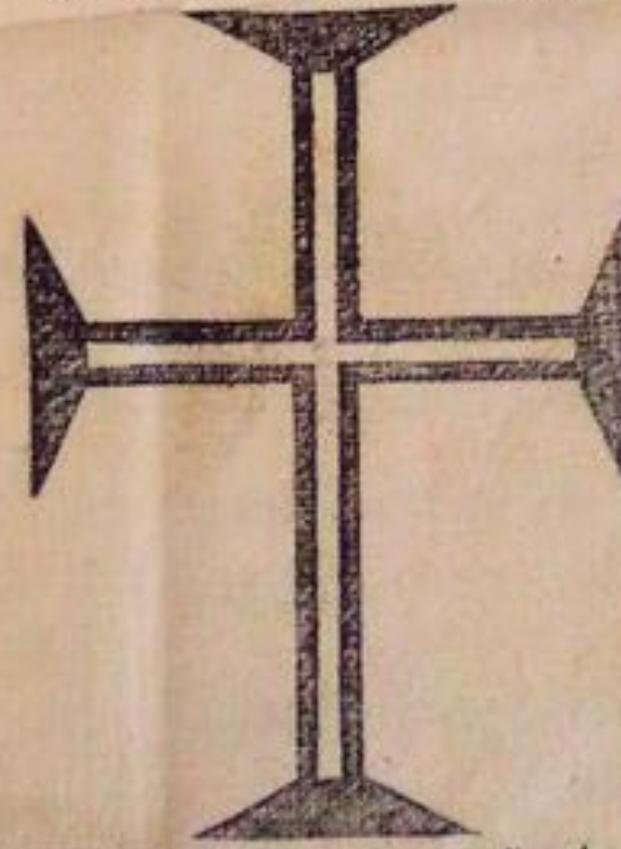
- ofício divino (culto religioso);
- o trabalho no scriptorium, nas oficinas, nos campos, desde o romper do Sol até à noite (**ora et labora**).

R E G R A D O N O S S O G L O. R I O S O P A D R E S . B E N T O

Abade, Confessor, & Patriarcha
de todas as Religioēs.

Dada aos Freyres da Ordem de nosso Senhor Iesu Christo, & traduzida de Latim em Portugues, na forma que primeiro foy approuada, & confirmada peilos Summos Pontifices, quando a mesma Ordem se reformou.

Agora nouamente impressa, por mandado do nosso Reuerendissimo Padre Dom Prior, & Geral da mesma Ordem de Christo, Frey Andre Pacheco.



Com licença da sancta Inquisição, Ordinário. & Paço.

Em Lisboa. Por Pedro Gascoek Impresor del Rey. Anno 1625.

A Regra beneditina era **hierarquizada** e definia os **cargos** e as **tarefas** de cada um, estabelecendo um **código penal** para os incumpridores com sanções que incluíam a **flagelação**, o **isolamento**, a **abstinência**, a **meditação**.

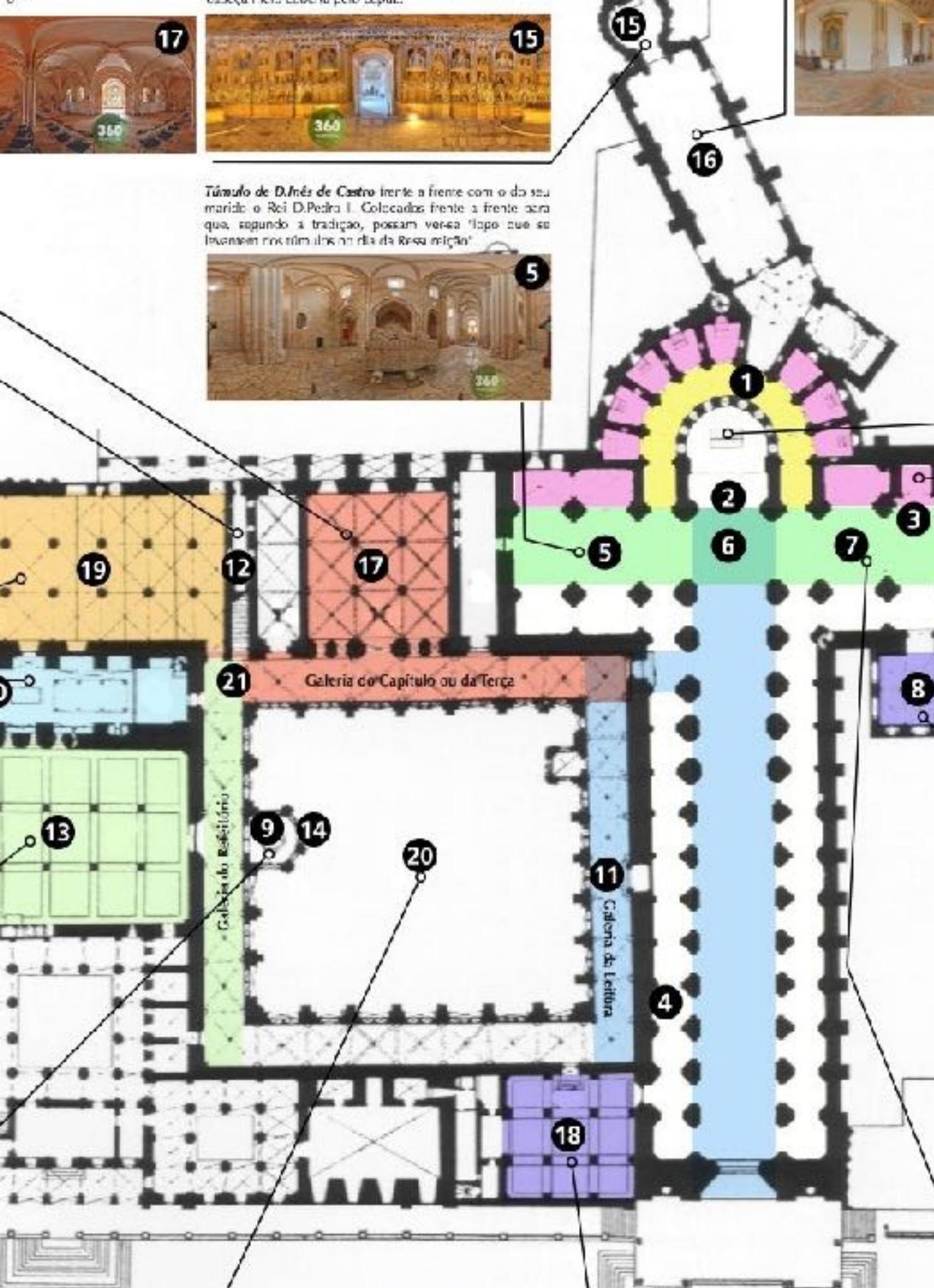


Seguindo o ideal **ascético** da *fuga mundi*, os mosteiros medievais estavam quase todos instalados em **zonas isoladas**, no alto das montanhas ou em vales e clareiras das florestas, embora alguns existissem no seio das cidades.



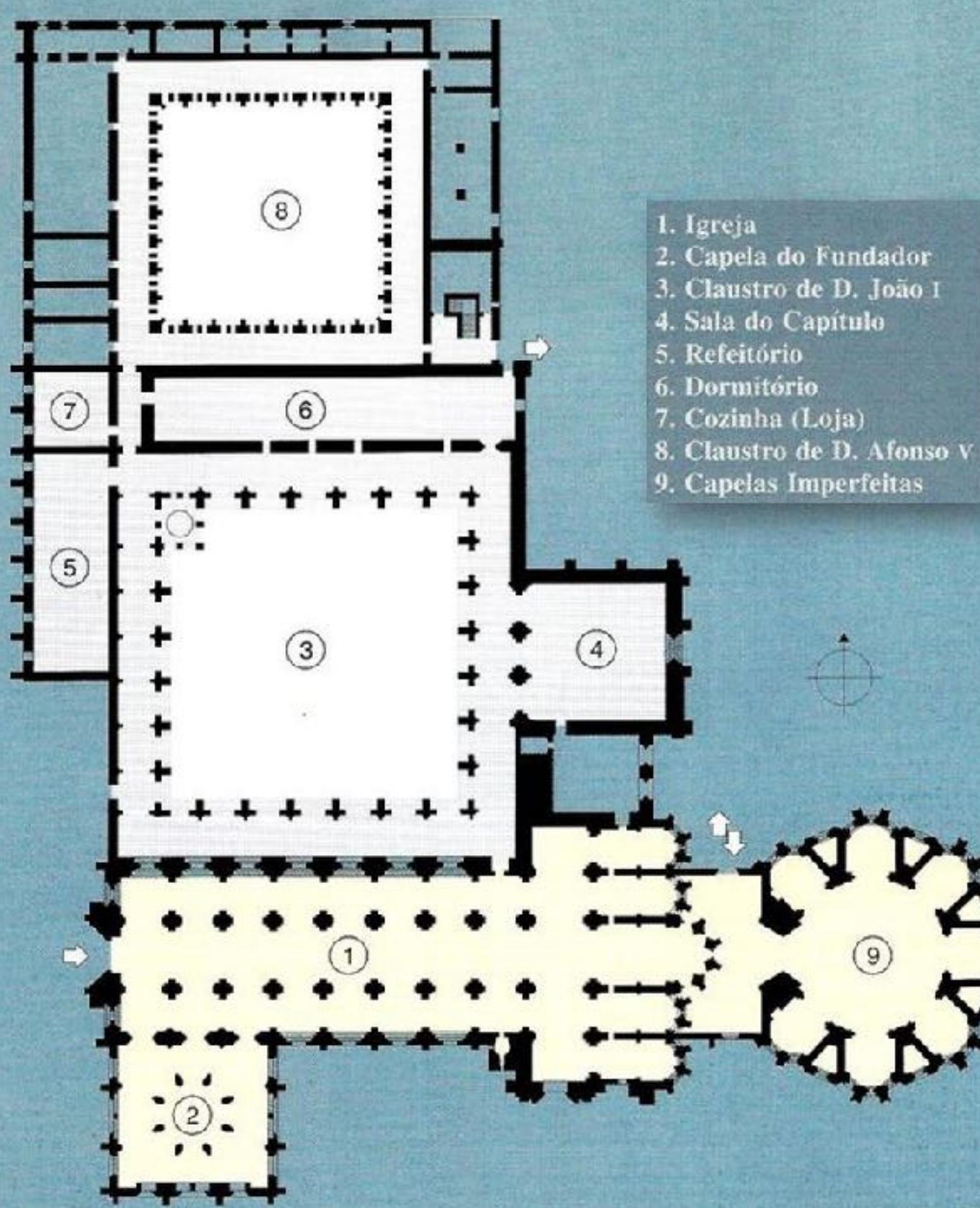
O mosteiro, a materialização do Paraíso na Terra

Eram concebidos como **pequenos mundos autónomos e autosuficientes**, virados para o seu interior e fechados ao exterior por muralhas e portas, rigorosamente vigiadas e regulamentadas por cargos próprios (porteiro, hospedeiro, esmoleiro ...)



Organização espaço-funcional do mosteiro (inspirado na villa romana):

- **lugar de Deus** - a Igreja, ponto de junção entre a Terra e o Céu, ela própria concebida, na sua planta basilical em cruz latina, como o corpo de Cristo;
- a sul, um pátio descoberto, fechado pelos edifícios mais importantes do mosteiro - o claustrum, cujo acesso é também reservado;
- a ala nascente, junto à cabeceira da igreja destina-se às funções espirituais (capítulo, escola, escritório ...) e à residência da irmandade;



- a ala a sul do claustrum agrupa as dependências mais funcionais (refeitório, cozinha, despensas, adegas, banhos, latrinas, estábulos, oficinas ... e, para além delas, pomares, hortas, vinhas, jardins);
- a oeste, junto da zona de entrada no mosteiro, os que estão a iniciar-se ou de passagem: os noviços, os hóspedes, os inválidos e doentes, os velhos e até os mortos pois o cemitério era também colocado nesta zona, com as sepulturas alinhadas para este, símbolo da Ressurreição.

Mosteiro de Alcobaça

O Capítulo formado por um quadrado coberto por abóbadas de cruzaria de ogivas, suportadas por quatro pilares de colunas enxaimadas e capelas octogonais, é iluminado por uma abertura zórica. Foi construído nos finais do séc. XVI durante o abacado do Frei Constancio da Sampaio (1591-1672). O seu interior é formado em volta dum arco, com nichos que albergam sete estátuas e setenta e um bustos-relevo's de madeira e de barro cozido por encravados. A Virgem, com as mãos estendidas e ajoelhada num gesto de acolhimento, encontra-se ao centro, intitulada A sua Irmã. São Bernardo vestido com a capela com capelo, e à sua esquerda, São Bento, com a capela meio coberta pelo capuz.

O dormitório medieval era um espaço único como aqui vemos, os catres estavam separados por divisórias baixas, e os monges dormiam vestidos. Nos finais do séc. XVI, o dormitório medieval foi dividido, deixando a nave central como corredor de acesso aos quartos nas duas naves laterais.

A sala dos Monges devia ter servido de noviciado até ao séc. XVI, mais tarde acomodação ou celebração de adega. Dividida em três naves por duas filas de colunas, apresenta cinco patamares possivelmente para conseguir o desnível da traça. A norte, uma parede a todo o comprimento forma um corredor estreito que devia ter servido de passadão das noviças e a partir do séc. XIII de celebração para os monges que praticavam faltas graves.

Construída no séc. XVII, a cozinha ocupa, para além do espaço do calcetário (antiga sala dos monges cozinhas), o de um pátio exterior para onde davam as janelas da Sala dos Monges e do Refeitório. Lavadeira. Destinava-se a levar as mãos antes das refeições.

O Refeitório, tem colunas de capiteis com motivos vegetais, e o seu púlpito do Lector. A antiga cozinha desaparecida no séc. XVIII quando da construção do Claustro de D. Afonso VI fazia a ligação com este refeitório por uma abertura estreita que se encontrava atrás do púlpito.

Na galeria do refeitório do claustro de D. Afonso VI fica o Lavabo, com o seu tanque que recebe água de um pequeno braço do Rio Alcoa - a Levadim. Destinava-se a lavar as mãos antes das refeições.

Este Claustro do Silêncio foi construído entre 1308-1311 durante o reinado de D. Dinis e é obra de dois mestres que se sucederam, Domingos Domingues e Mestre Diogo. Uma inscrição fronte à Sala do Capítulo, indica o ano e o dia em que foi começado. Este claustro deve ter suscituado outros de tempo da fundação de estrutura mais simples e de menor altura, como atestam os vestígios nas muralhas da catedral do lado do Capítulo. No final do reinado de D. Manuel / em 1520 é acrescentado o segundo piso ao claustro por Nicolau de Chantenerre. Este claustro também conhecido por clausura do silêncio, por não ter permitido falar. Até essa era uma regra geral dos monges de cister, o voto de silêncio em caso de emergência comunicavam-se por gestos, e só podiam falar com o prior num determinado dia.

A Sacristia original em séc. 16 (rainha de Castela) era Marquinhos, talvez durante o reinado de 1755. Restauraram o vestíbulo abobadado visível desde o desvão lateral. A actual sacristia é da segunda metade do séc. XVIII. A marquise é composta por arcos de madeira apoiada, e duas armários de cada lado da porta de entrada, em granito, com inscrições em marfim e alabastro datadas de 1666.

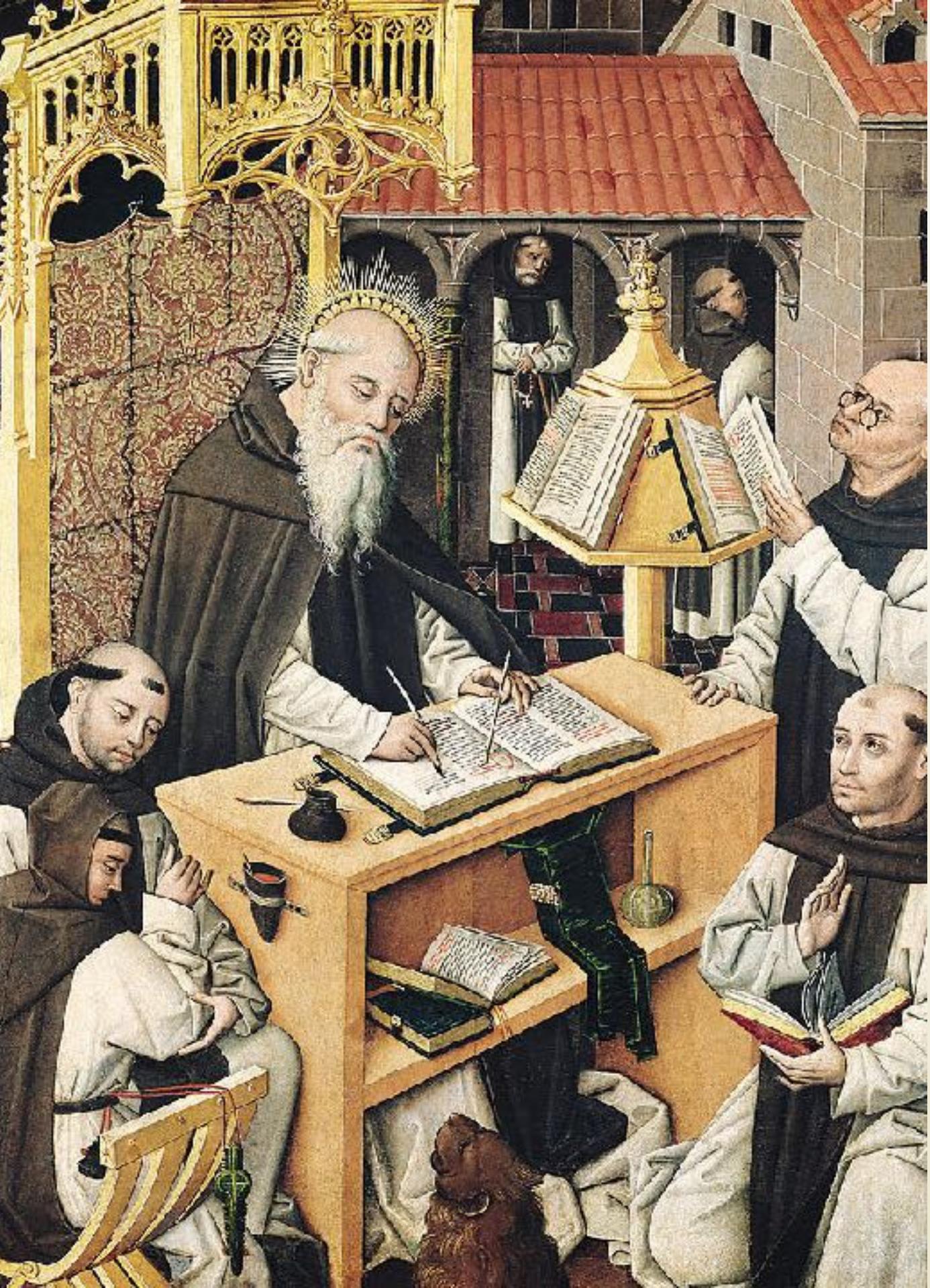
A Abside, está apoiada em 3 pilares que apoiam verticalmente uma abóbada nervurada de 100°. Esta abóbada é mais alta do que as capelas radiantes. Exteriormente o momento horizontal do peso cesta abobada é anulado por encoberturas escalonadas. Esta é das primeiras experiências de Arcobutante em Portugal, em conjunto com a Sé do Porto e a greja do Mosteiro de Tarouca.

No braço sul do transepto a capela dedicada à 'morte de São Bernardo'. Obra de uma equipa de monges artistas, inicialmente dedicada a S. Vicente, esta capela foi modificada em virtude do arescimo de paróquia a norte e a sul. Foi iniciada em 1607 e terminada em 1705. Sofreu variações dos soldados franceses e foi mal restaurada pelos monges no séc. 19, que ao taparem os orificios de arremate das figuras, permitiram o apodrecimento interno deste grupo.

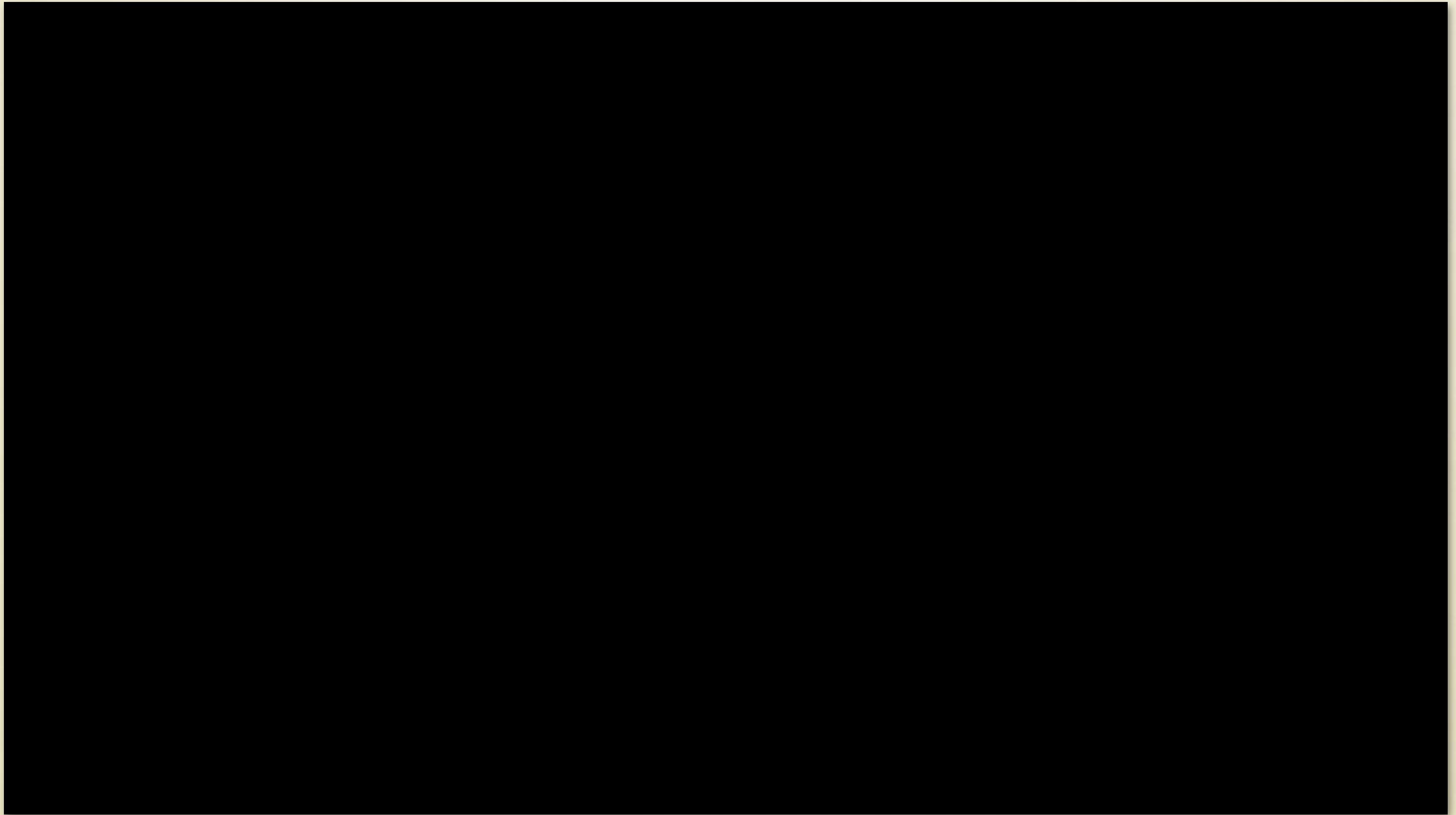
Panteão Real ou sala das Tomás, que antigamente no tempo de D. Afonso II se encontrava no transepto. Esta Sala é uma intervenção construída entre 1770-1782 por Guilherme Egidio (Marcoene ensamblador), em estilo neogótico Neogótico. Nela encontram-se os túmulos de D. Afonso D. Beatriz e seus filhos D. Fernando, D. Vicente e D. Sancho.

Túmulo de D. Pedro de 1566, com estrela jacente, ladeada de anjos, tem, nas faces laterais, belas esculturas com cenas da vida de São Domingos. Num trono superior, em pequenos edifícios, cenas da vida da família real. No frontal dos pés o rei recebe o viático e a extrema unção. No frontal da capela, a corte mais bela de todo o túmulo, uma grande roseta formada por dezoito edifícios dispostos em duas fileiras circulares concéntricas rectas, segundo Manuel Vieira Nobreza, a vida dos duzentos amantes a morte da rainha e o castigo dos assassinos. Na parte inferior da roseta, num pequeno túmulo com astas jacente, uma inscrição que, nem suscito viva controvergia quanto à sua leitura, assim como toca a interpretação da própria roseta.

A Sala dos Reis, construída no séc. XVIII, no espaço que anteriormente pertenceu à Ala dos Conversos, e depois, segundo Frei Manuel da Figueiredo, foi "lugar de sepultura e igreja para a população", tem no fecho da abóbada central as Armas Reais. As carebas são revestidas com azulejos do séc. XVI, recordando os episódios lendários da fundação do Mosteiro, desde o voto de D. Afonso Henriques ao lançamento da primeira pedra. Apóia-se em mísulas temas as estátuas dos Reis de Portugal até D. José I feitos pelos monges. Numa grande mísula um grupo simbólico em terracota representa a coroação de D. Afonso Henriques por S. Bernardo e pelo Papa Alexandre II.



Centros de oração, meditação e ascese, os mosteiros deste período foram **centros dinamizadores da economia** (difusores de técnicas e práticas agrícolas inovadoras, incentivadores do artesanato e do comércio, etc.), em avançados **centros de produção cultural na teologia, nas letras e nas ciências e em escolas**. Exerceram, assim, importante papel civilizacional.



Fim